

A CONTRIBUIÇÃO DE JOSUÉ DE CASTRO NO ESTUDO E COMBATE À FOME E SUA REPERCUSSÃO CIENTÍFICA E POLÍTICA NA GEOGRAFIA

Jose Jakson Amancio ALVES¹

RESUMO

O primeiro passo no estudo do fenômeno da fome na obra de Josué de Castro foi conceituar fome através do método geográfico. Tornar pública a existência da fome através da denúncia de suas causas e conseqüências foi seu grande objetivo a partir de suas obras; a primeira publicada em 1947, *A Geografia da Fome*, e a segunda publicada em 1951, *Geopolítica da Fome*. Nesses trabalhos, Josué, inicia sua apresentação do fenômeno da fome através de um tratamento geográfico da questão. Depois em *Geopolítica da Fome* Josué de Castro trata da face da fome no mundo por continentes. A importância destas obras se revela a todo o momento, pois o fenômeno da fome continua a existir e a se revelar cada vez mais forte sobre a superfície da terra. Idealizo, pois, que a lição de Josué de Castro é uma lição permanente e que deve ser recebida com a emoção que ela merece.

Palavras-chave: Geografia, método, fome

ABSTRACT

The first step in the hunger phenomenon study in Josué de Castro work was to judge hunger through the geographical method. To turn public the existence of the hunger through the accusation of your causes and consequences was your great objective starting from your works; the first published in 1947, the *Geography of the Hunger*, and *Monday* published in 1951, *Geopolitics of the Hunger*. In both books, Josué begins your presentation of the phenomenon of the hunger through a geographical treatment of the subject. Then in *Geopolitics of the Hunger* Josué of Castro he treats of the face of the hunger in the world for continents. The importance of these works is revealed the all the moment, because the phenomenon of the hunger continues to exist and revealing each he did more fort on the surface of the earth. I idealize, because, that Josué de Castro lesson is a permanent lesson and that should be received with the emotion that she deserves.

Key words: Geography, method, hunger.

1. INTRODUÇÃO

Uma das formas de que podemos lançar mão para construir um futuro, é estudar o pensamento e a ação de homens públicos, de cientistas e de políticos que dedicaram à vida enfrentando as maiores resistências visando construir uma teoria ou práxis científica.

No caso brasileiro, uma figura marcante de cientista, de professor, de homem público, de parlamentar, médico e pesquisador da geografia foi o de Josué de Castro, que teve grande

¹ Pesquisador do Grupo de Estudos em Recursos Naturais - GERN, Prof. Dr. do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: jaksonamancio@uepb.edu.br

influência na vida nacional e grande projeção internacional nos anos decorridos entre 1930 e 1974. Ele dedicou o melhor do seu tempo chamando a atenção para os problemas da fome que assolavam o mundo.

Passados cem anos de vida de Josué de Castro, é necessário que se faça uma conexão de sua passagem pela vida, ligando-o ao tempo e ao espaço. Onde ele nasceu como formou seu caráter e sua personalidade, o que o levou a refletir sobre o seu povo e o seu tempo, como procurou as ligações, em escalas geográficas, entre o local, o nacional e o internacional e como projetou o seu pensamento tanto nos meios acadêmicos como na sociedade, procurando entusiasmar líderes e liderados a conjecturar sobre a realidade dos meados do século XX. Otimista, ele procurou projetar a sociedade que esperava ver se formar, se constituir, na qual a preocupação e o domínio do econômico fossem sendo substituídos pela preocupação com o social, com o bem-estar da humanidade.

Seu legado na geografia brasileira começa em 1937, quando publica o trabalho - *A alimentação Brasileira a Luz da Geografia Humana* -. A base de sua investigação foi o método geográfico, contribuindo diretamente para a institucionalização da geografia na década de 30 no Brasil.

Nesse período, já morando no Rio de Janeiro torna-se professor Catedrático de Geografia Humana na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. São Paulo e Rio de Janeiro viviam a efervescência da presença das missões francesas, difundindo pesquisas e estudos nas mais diversas regiões do Brasil, dentro das mais variadas temáticas. Então conhece o prof. Pierre Deffontaines, numa dessas missões, e se interessa pelo método geográfico, entendendo que a espacialidade e interdependência dos diversos elementos do meio, são fundamentais na compreensão da realidade social, políticas, econômicas e culturais. Passa então adotar os princípios fundamentais da geografia elaborados por Humboldt, Ritter, Ratzel e Vidal de La Blache em seus trabalhos daí por diante.

A preocupação do Josué apresentada em seus escritos não era utopia; pois com o rápido avanço tecnológico da sociedade obviamente não se podia prever um só tipo de modelo de futuro, os que estudam, os que pesquisam a ciência por uma perspectiva sabem que não é possível atender a um futuro único determinado pelas diferentes condições que reina no momento de realizar o estudo, assim, com a utilização do método geográfico, era possível acompanhar essas transformações.

Por fim, esse estudo trata de um resgate do método utilizado por Josué de Castro no estudo da fome e sua práxis política e social dentro da geografia brasileira, como também, uma reflexão da continuidade de seus estudos, esquecidas ou desconhecidas por tantas

academias nos dias atuais, principalmente no Brasil, em que o valor geográfico das obras desse grande mestre, só foi enaltecido pelo fato, do governo brasileiro criar a Lei de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN) e do próprio Programa Fome Zero, com base em suas fundamentações epistemológicas.

Um outro aspecto em especial diz respeito em conhecer pessoas e pensamentos, refletir sobre atos e ações, pensar o futuro são procedimentos para nutrir as esperanças, porque aproxima os pesquisadores de ontem e os de hoje na práxis científica.

2. O MÉTODO GEOGRÁFICO

Nos anos 40, surge no Brasil a Geografia como disciplina acadêmica, inserida no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, baseada na Geografia Tradicional, cujos princípios eram fundamentalizados pela epistemologia de Paul Vidal de La Blache, caracterizada pela explicação objetiva e quantitativa da realidade, estudando as relações Homem/Natureza sem priorizar as relações sociais, destacando a procura das leis gerais de interpretação e o discurso da neutralidade da ciência. Antevendo a esse período, enquadram-se perfeitamente, as obras pioneiras de Josué de Castro, tais como: O Problema Fisiológico da Alimentação no Brasil (1932); O Problema da Alimentação no Brasil (1933); Condições de Vida das Classes Operárias (1935); e Alimentação e Raça (1935).

Porém, Josué rompe com o silêncio do discurso da neutralidade científica em suas pesquisas, ao utilizar o método geográfico com a publicação - A Alimentação Brasileira a Luz da Geografia Humana (1937).

Conforme Alves (2007) a base da definição do método aplicado por Josué de Castro está nos quatro princípios geográficos que podem ser notados em toda sua obra. O primeiro princípio seria o da localização, extensão e delimitação que determina que o geógrafo deve sempre localizar e delimitar a ocorrência dos fenômenos que ocorrem sobre a superfície da Terra. O segundo princípio seria o da coordenação ou correlação onde o entendimento de cada fenômeno nunca se dá de modo isolado, mas sempre levando em consideração outros fenômenos ocorridos em outras partes do globo terrestre. O terceiro princípio seria o da conexidade que aponta para a conexão dada pelo meio aos fenômenos impondo uma unidade terrestre. E o quarto e último princípio geográfico seria o da causalidade que estabelece que os geógrafos ao examinar qualquer fenômeno devem atentar para suas causas e efeitos. A opção pelo método geográfico possibilitou a Castro uma análise mais ampla sobre as necessidades fundamentais das populações.

Após a Segunda Grande Guerra (1935 a 1949), com a expansão do capitalismo, o advento da revolução verde e a formação das metrópoles, os métodos e as teorias da geografia tradicional tornaram-se insuficientes para explicar a complexidade do mundo pós-guerra, tornando-se necessários estudos voltados para a análise das relações mundiais, análises essas, de ordem econômica, social, política e ideológica. Suas obras a partir dessa nova realidade do pós-guerra ganham um discurso crítico, inflamado, paralelo a denuncia do mau contexto social. Destaca-se nesse período a sua obra que definiria o uso do método geográfico e lançaria a base para sua publicação - *Geografia da Fome* (1946)-, caracterizando toda a sua longa história dedicada à geografia brasileira. Disseminando as bases para o estudo da fome, não apenas a partir da falta de alimento, mas sim, consequência da realidade social, política, econômica e até cultural. E Essa consolidação ocorre em 1957, com - *O livro Negro da Fome*, suas hipóteses se solidificam, onde o conceito da fome passa a ser atrelada às causas do subdesenvolvimento.

Para Fernandes e Gonçalves (2000:18) a fome é a questão central dos estudos e da luta de Josué de Castro. Por meio desse eixo principal, o autor dimensiona suas análises em diversos outros temas como, por exemplo, a reforma agrária, a questão ecológica, o subdesenvolvimento e as desigualdades sociais. Afirma, explicitamente, que a fome é o problema ecológico número um na medida que todo ser vivo deve se alimentar para se manter vivo.

Considera-se que as discussões surgidas em torno do objeto e do método da geografia com Josué de Castro, repercutiram no meio acadêmico de forma tanto positiva como negativa. Positivamente, ressalta-se que tais discussões promoveram um estímulo à investigação e a descoberta da fome como uma questão política e de ordem mundial; e negativa, o fato de que a rápida incorporação de inúmeras maneiras de interpretações geográficas, descartadas ao fim de cada nova fase da geografia e da política brasileira, não pôde ser divulgada o suficiente nos meios acadêmicos, para estimular e reconhecer o papel desse militante no combate à fome como um problema político e social através do método geógrafo, ou seja, a produção de um sistema de idéias que seja, ao mesmo tempo, um ponto de partida para apresentação de um sistema descritivo e de um sistema interpretativo da geografia.

Assim é a geografia que sempre pretendeu construir-se como uma descrição da terra, de seus habitantes e das relações destes entre si e das obras resultantes o que inclui toda ação humana sobre o planeta. Se não pelo que alguns geógrafos afirmam explicitamente, mas pelo que muitos praticam. Parafraseando Milton Santos, a geografia é o que faz cada qual e assim há tantas geografias quantos geógrafos. Josué de Castro, também, não escapou disso.

Esta discussão, porém, não são exclusivas da geografia, de um modo geral, outras disciplinas da área das ciências humanas, se vêm envoltas em discussão semelhante. Entretanto, e talvez o mais importante, é que todos os cientistas são vítimas desta perplexidade.

O geógrafo e historiador pernambucano Manoel Correia de Andrade em trabalho biográfico sobre Josué de Castro intitulado - Fome um Tema Proibido: Últimos Escritos de Josué de Castro -, comenta que Josué ao escrever sua tese procurou demonstrar a importância que dava à sua cidade natal e que saindo da temática da fome, que o tornara conhecido, procurava desenvolver seus conhecimentos sobre um tema formalmente mais geográfico.

Pois bem, atuando como geógrafo, Josué desenvolvia as suas observações em várias escalas, preocupando-se tanto com o local como com o regional, o nacional e o internacional. Sempre que voltava ao Recife procurava ir aos bairros pobres e verificar como viviam os moradores dos mocambos, nos mangues. Refletia e discutia o problema das populações que habitavam as palafitas. O Nordeste foi sua preocupação constante, tanto na juventude, quando reuniram em livro ensaios sobre a região – Documentário do Nordeste – como na idade madura quando, no exílio, ainda admitia que o Nordeste, empobrecido e espoliado, era uma região explosiva, por isso, escreveu o livro - Sete Palmos de Terra e Um Caixão.

Esta sua posição, entretanto, destaca Manoel Correia, apresentava divergências com o grupo de Geógrafos brasileiros que procurava apresentar a escola geográfica francesa como politicamente neutra, deixando as preocupações políticas e sociais para sociólogos e economistas, enquanto, Josué de Castro, tomando a fome como centro de suas preocupações, estendia seus enfoques aos aspectos étnicos, lingüísticos, religiosos, alimentares, concomitante, com as questões, sociais, políticas, ecologias e econômicas.

Ao analisar esses aspectos, assumia também, compromissos com os problemas ligados ao meio natural, demonstrando preocupações ecológicas. Talvez essa divergência não o tenha permitido aproximar-se mais da Associação dos Geógrafos do Brasil (AGB).

Um outro aspecto é que Josué sempre soube que o tema por ele escolhido, a luta contra fome, era bastante perigoso, um verdadeiro tabu. E, foi acreditando que poderia romper com este tabu que construiu uma teoria e uma prática capaz de vencer o fenômeno da fome, que travou ao longo da sua vida. Pagou com o exílio, mas certo que valeu à pena. O mundo ficou mais consciente da necessidade de atender aos mais pobres, promovendo sua inclusão social e suas obras, seus projetos, ajudaram muito nesta direção. Em seus trabalhos, dividia a sociedade não em burguesia e proletariado, mas entre os que não comem e não dormem porque têm fome e os que comem, mas não dormem com medo dos que têm fome.

Sempre afirmou que a fome é criação de nossa sociedade, não são fenômenos naturais. São fenômenos artificialmente criados pelos homens que desenvolveram um tipo de economia que visa tão somente o atendimento do capital e não das necessidades do homem.

Pois bem, Josué de Castro foi um cientista de múltiplas dimensões profissionais.

Josué denunciou a fome universal como uma praga fabricada pelo homem contra outros homens, tentou criar uma teoria explicativa para a triste realidade do desenvolvimento, da pobreza, da miséria (SOUZA, 2005:28).

Ele era apenas um brasileiro. Cientista, escritor, um homem público devotado a sua pátria, a seu povo, aos povos do Brasil. Sabia das injustiças, sabia das nossas mazelas, sabia da fome, e como sabia da fome (AMADO *apud* SOUZA, 2005:28).

Um dos traços fundamentais de Josué Castro era a sua clarividência. A clarividência é uma virtude que se adquire pela intuição, mas, sobretudo pelo estudo. É tentar ver a parte do presente que se projeta no futuro (RIBEIRO *apud* SOUZA, 2005:27).

A vida de Josué de Castro foi uma grande lição de engajamento em sua própria realidade, sua própria cultura. Procurou desenvolver toda uma ciência, a partir de um fenômeno que é a manifestação do subdesenvolvimento em sua mais dura expressão: a fome. Tentou criar uma teoria explicativa para a triste realidade do subdesenvolvimento, da pobreza, da miséria. Tentou modificar a história do seu país. É esse o homem que o Brasil de hoje precisa deixar de ignorar (CASTRO *apud* SOUZA, 2005:28).

Cuidar para que isso aconteça não é assistencialismo, é promover reconhecimento de direitos elementares e é um movimento que tem raízes históricas na sociedade brasileira, tendo Josué de Castro como principal referência. Outras pessoas e entidades se mobilizam em torno dessa bandeira, como o Herbert de Souza (Betinho), Dom Hélder Câmara, Dom José Maria Pires, Dom Marcelo Pinto Cavalheira, além de tantos outros anônimos que dedicaram e dedicam suas vidas à luta por um Brasil sem fome.

3. CONCEITUANDO A FOME

No dicionário etimológico, fome é uma palavra originária do lat. famélicas, significando faminto, e no sf., como grande apetite de comer (CUNHA, 1997:363). Já no Aurélio do século XXI, fome aparece definida como grande apetite de alimentos ou mingua de víveres (FERREIRA, 2000:327). Segundo Abramovay *apud* Alves (2007: 32) a palavra fome tem dois significados bem distintos: Um deles é o de apetite, vontade de comer, um fenômeno instintivo que nos leva a buscar alimentos e, conseqüentemente, preservar a nossa vida; o

outro, de subalimentação ou desnutrição, tem a ver com a impossibilidade de se alimentar ou com o fato de se alimentar de forma errada.

Ambos os conceitos definem fome como uma questão relativa à aptidão biológica do ser humano entre o apetite e a oferta de alimentos.

No polêmico tema da fome, deve se falar obrigatoriamente em pobreza foi isso que Josué descobriu nos mangues do Recife. Que ela não é apenas a carência alimentar, nutricional, é uma questão de subdesenvolvimento.

No prefácio do livro *Homens e caranguejos* expõem o verdadeiro conceito da fome a partir dos manguezais do Recife. São duzentos mil indivíduos, duzentos mil cidadãos feitos de carne de caranguejos. O que o organismo rejeita volta como detrito para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez. Nesta aparente placidez do charco desenrola-se, trágico e silencioso, o ciclo do caranguejo. O ciclo da fome devorando os homens e os caranguejos, todos atolados na lama (CASTRO, 2003:8). Sua vida e suas obras científicas ou literárias são marcadas por essas experiências.

No estudo do fenômeno da fome em suas obras, Josué de Castro, afirma que irá tratar especificamente da fome coletiva seja ela endêmica (permanente) ou epidêmica (transitória), seja ela total (inanição), parcial ou oculta. Ele aponta duas linhas principais: a primeira trata-se, da superação do tabu da fome, onde tenta demonstrar como a humanidade sempre sofreu com o drama da fome, não importando a época ou a região do globo. Com isso, ele realiza em todos os capítulos uma retrospectiva histórica do fenômeno da fome para cada região; a segunda linha, que já pode ser notada é a denúncia dos estragos cometidos pelo processo de colonização ao redor do mundo.

Josué de Castro, que ora antes de programar em suas pesquisas a utilização do método geográfico, tinha suas investigações científicas, voltadas para o campo nutricional, porém, descobre que a fome não se expressa apenas como aptidões biológicas dos seres humanos, vai mais além, e a luz da geografia humana, diz para toda a comunidade científica nacional e internacional, que a fome só se reconhece em num grupo humano, se conhecermos sua realidade social, econômica e política.

Com absoluto domínio do método geográfico, Josué foi o primeiro a dizer: existe fome no Brasil. Diante dessas considerações citamos algumas opiniões sobre sua práxis geográfica, científica, política e sua dedicação à questão da fome, através de sua maior obra – *A Geografia da Fome*.

Ele é autor de frases emblemáticas que serviram para popularizar as injustiças que o fenômeno da fome trouxe, e ainda traz a milhões de indivíduos do planeta Terra: Denunciei a

fome como flagelo fabricado pelos homens, contra outros homens; Metade da população brasileira não dorme porque tem fome; a outra metade não dorme porque tem medo de quem está com fome; Só há um tipo verdadeiro de desenvolvimento: o desenvolvimento do homem (ALVES, 2008).

Josué de Castro terá sido o homem da ciência e o homem da visão política, no seu tempo, de maior significação e de maior repercussão. O autor célebre, o cientista célebre e o homem de visão política aqui estão os frutos de seus estudos, da sua investigação, da sua extraordinária capacidade de refletir, deveres e compromissos com a humanidade, no seu talento de escrever e no seu talento de dizer (PIRES, 2007).

Muitos, também através da leitura de Josué de Castro tornaram-se colegas de luta, companheiros de grande atividade profissional. Para se dar uma dimensão maior, tenho a impressão e não apenas aqui no Brasil, mas no mundo inteiro, esse livro foi traduzido em 26 idiomas e de que fez a cabeça de muita gente, revelando uma realidade, que até então, nunca havia sido mostrada de forma tão dramática (BATISTA, 2007).

Um país rico, um país que tem as potencialidades do Brasil e que hoje continua da mesma forma como Josué denunciou e mostrou, analisou, pesquisou, continua ainda com essa enorme gama, com esse enorme número de excluídos sociais (CELSO, 2007).

Josué foi este homem, este pensador que nós tivemos que nasceu entre nós, que cresceu que amadureceu aqui e que não foi um homem, um intelectual, mais um dos que lê o que os outros escreveram (RIBEIRO, 2005, 2007).

Josué fala de uma humanidade entregue aos instintos primitivos porque se de um lado se justificava, perfeitamente, a falta de sono daqueles que não tinham alimento, de outro lado, não se podia compreender a atitude impassível daqueles que tendo sobra demais no seu bem estar, não desejavam atender e ajudar a atenuar a situação de miséria daqueles que se achavam dentro dos $\frac{3}{4}$ de famintos (LIMA SOBRINHO, 2007).

Mas, como salienta o próprio autor, sempre foi considerado pouco conveniente, entre os povos bem alimentados, discutir-se a fome dos menos afortunados – fome - que nunca foi assunto muito popular em matéria de política. E, no entanto, a fome tem sido através dos tempos, a mais perigosa das forças políticas (BOYD ORR, 2007).

Enfim, os progressos da fisiologia da alimentação orientaram para esses problemas todos aqueles que, a um título ou outro, se tem interessado pela ecologia humana. Seja permitido dizer que este é o meu caso. O movimento natural do pensamento do ecologista o conduz para o estudo das condições de nutrição dos grupos humanos no seu quadro geográfico, independentemente de toda preocupação de atualidade (SORRE, 2007).

Mas escrever um livro que informe, ensine, descubra verdades encobertas ou controvertidas, isso sim, representa, na realidade, um mundo de honestidade, esforço, labuta, rigor além do talento natural que exige em grandes doses (QUEIROZ, 2007).

A Geografia da Fome é sem dúvida, um dos mais valiosos livros publicados na última década. Os fatos e teorias nele contidos são de imediata, radical e fundamental importância para a humanidade. Seu tema é a pior enfermidade do mundo, mais comum e mais mortífera do que as guerras e pestes em conjunto (HOLLOWAY, 2007).

A fome é um sentimento primário que humilha a nossa cultura de raciocínio. Não humilha a concepção instintiva de civilização, mas os elementos formadores, minando-lhes o interior com denúncia de uma desanimadora e diária verdade natural (CASCUDO, 2007).

Na verdade, Josué de Castro reunia em uma só pessoa as qualidades da inteligência, da agilidade mental, da argúcia na observação, e da coragem em denunciar as injustiças e os dramas sociais, apontando suas causas e alternativas para dominá-los e por fim às suas conseqüências (ANDRADE, 2007).

É este o mais encorajador, o mais esperançoso e o mais generoso livro que eu já li em toda a minha vida. Livro escrito por um famoso cientista, um técnico que sabe o que está dizendo, um conhecedor dos problemas práticos, um homem do mundo no melhor sentido da palavra, porque conhece o mundo e suas populações e apresenta-nos numa obra magistralmente escrita o conhecimento fundamental para felicidade e paz dos homens. É por esta razão que eu afirmo que este livro - A Geopolítica da Fome, do eminente cientista Josué de Castro – é o mais importante livro que já foi publicado nestes confusos, perigosos e ridículos tempos atuais. Ridículos porque, embora a paz seja prática possível, indivíduos há, em várias partes do mundo, tocando seus tambores para manufaturar uma guerra (BUCK, 2007).

O nome mais conhecido de todos, no sentido da extensão desse conhecimento pelas fronteiras do mundo, é, no campo científico e social, o de Josué de Castro. As traduções dos seus livros, o eco despertado por sua obra sobre os problemas da fome, no mundo moderno, fez dele um dos grandes nomes, dos mais célebres e dos mais respeitados da cultura contemporânea. Seus admiradores chamam-se Pearl Buck, Ann Seguers, Vercors e Joliot-Curie, Kuo-Ko-Jo e Lisenko, para citar apenas meia dúzia entre centenas de milhares (AMADO, 2007).

Nossa obrigação, como militantes estudiosos e dedicados que devemos ser se quisermos honrar a memória de Josué de Castro, é estudar suas obras, compreendê-las, utilizá-las para

transformar nossa realidade. Recuperar seu pensamento e ação para que todos os estudantes e militantes o conheçam (STÉDILLE, 2007).

Passados tantos anos da descoberta da fome como um problema político, no Brasil ela sempre se encontra tão atual como nunca, uma resposta de Furtado para acabar com o problema da fome com base na leitura geográfica de Castro, foi que visto apenas do ângulo da fome, o problema da pobreza pode ter no Brasil solução relativamente fácil. Mas no Brasil não há escassez de alimentos. Somos um país exportador de alimentos, temos um potencial agrícola enorme. Basta, num primeiro momento, assegurar o acesso a uma cesta básica de alimentos (FURTADO, 2002:16).

É importante também abordar que Programas de segurança alimentar que visem garantir comida na mesa das pessoas pobres têm que atacar prioritariamente as camadas onde a pobreza é mais dramática. É voz corrente entre as pesquisas na área de alimentação que a situação de risco em termos de segurança alimentar está presente nas famílias de todas as classes de rendimentos (SILVEIRA *et al.*, 2002).

Sem dúvida, o direito humano a segurança alimentar e nutricional localiza-se no conjunto dos mínimos sociais, porém, atender aos segmentos populacionais em situação de maior risco e vulnerabilidade social é no mínimo uma atitude política inicial e necessária.

É interessante destacar que boa parte do mundo não apresenta nos dias de hoje falta de alimentos, mas sim dificuldades quanto ao acesso físico e econômico, continuamente, à alimentação adequada ou aos meios para a sua obtenção. Isso quer dizer que o qualquer Estado é passível de advertências em nível internacional por não garantir o acesso à alimentação por parte da população, o que – em situação de excedentes na produção de alimentos, é injustificável institucionalmente. Esse é o caráter das políticas universais.

Diante dessas perspectivas, para consolidar o marco histórico de combate à fome no país, foi que em 16 de setembro de 2006, entra para a história das conquistas sociais no Brasil, o ato de promulgação da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), carregando em si uma teia de significados ao elevar o acesso à alimentação à condição de política de estado permanente, tanto defendida por Josué de Castro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Josué dedicou o melhor de seu tempo chamando a atenção para os problemas da fome e da miséria que ocorria no mundo, dirigiu seus estudos para a análise não apenas da fome em si e de sua incidência sobre as pessoas mal alimentadas, mas das causas do problema e da ameaça que representava para a humanidade, das seqüelas que deixava nas populações mal

alimentadas, com repercussões na esperança de vida, na produção e no desenvolvimento intelectual.

Como pensador conseqüente não limitou a dar o diagnóstico da fome do mundo, passou também a orientar como poderia desenvolver a luta pela sua erradicação, a questão alimentar passava a ter forte prioridade nas preocupações governamentais e já se começava a entender que os grandes problemas não dependiam apenas de aspectos étnicas ou climáticas, mas do sistema social gerado pela colonização e sugeria a necessidade de se desenvolver uma política de correção dos seus impactos negativos.

Finalmente podemos observar que um estudo que durou a vida toda de Josué, o Brasil considerou com a LOSAN a importância do seu trabalho, levando em consideração sua diagnose e seus ensinamentos.

Contudo sua ferramenta de pesquisa, seu método no estudo da fome, foi fazer da geografia uma bandeira de luta contra a fome, inter-relacionando a importância do estudo do homem e do meio, na busca da qualidade de vida. Foi dentro dessa necessidade que, Josué de Castro, fez uma aproximação com a geografia, pois entendia que o problema maior de seu campo de investigação não estava ligado apenas ao fator locacional e dedicou-se a Cátedra de Geografia Humana, trabalhando de forma mais geográfica em suas obras. Contudo, um outro aspecto que convencia Josué da importância do conhecimento geográfico para a construção da visão de totalidade da realidade brasileira, e para a pesquisa, relacionada à fome e a pobreza com as condições naturais e as estruturas sociais, foi a influencia francesa na sua formação que foi marcante, no qual adotava os princípios fundamentais da geografia elaborados por A. Humboldt, K. Ritter, F. Ratzel e o próprio Vidal de La Blache. Seguindo a mesma linha científica dominante na Universidade de São Paulo desde 1934 e no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), fundado em 1939.

Por fim, a utilização do método geográfico em seus diversos ensaios, contribui para o enveredamento definitivo pelos caminhos da geografia. No entanto, a geografia só reconhece seus méritos quando o governo francês designou professor associado do Centro Universitário de Vincennes. Ministrou aulas no Instituto de Altos Estudos para a América Latina, então dirigido pelo geógrafo Pierre Mombeig. Lecionando também aulas na Universidade de Paris.

A importância dos estudos sobre Josué de Castro aumenta diante da encruzilhada em que a globalização deparar-se com questões de segurança alimentar, isso torna sua obra integradora no tempo, em que ela, foi pensada e escrita, ao sabor de grandes desafios da atualidade. Sugestões foram apontadas por esse cientista sobre os caminhos para a solução dos problemas de fome, e até ecológicos, pois defendeu que na natureza os recursos naturais

não são elásticos, e que sem alternativas sustentáveis o mundo caminharia para crises, como as atuais.

Este artigo não procura apenas traçar uma biografia, nem fazer um panegírico do grande pernambucano Josué de Castro, mas salientar e analisar a atuação de um homem que soube lutar por um futuro melhor para o seu país e para a humanidade, usando como armas apenas o seu conhecimento, a sua capacidade de trabalho e a sua ação.

Para concluir, referendamos nesse artigo uma frase de outro grande geógrafo brasileiro, Milton Santos, a propósito do pensamento de Josué de Castro ao defender “que a sua palavra não caiu em vão e se o lábaro que nos mostrou de certo modo, neste país que fala em subnutrição, não fala mais de fome, esse lábaro de certa forma, por muito tempo não foi erguido, ou foi erguido de maneira equívoca para que justamente, logo tivesse os frutos desejados ainda é tempo de retomar o caminho que ele nos mostrou e de ganhar a batalha” (Santos, 2007). Idealizo, pois, que a lição de Josué de Castro é uma lição permanente e que deve ser recebida com a emoção que ela merece.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, J.J.A. 2008: Ano Centenário de Josué de Castro – 61 Anos da Geografia da Fome. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 89, outubro de 2008.

ALVES, J.J.A. 2007. Uma leitura geográfica da fome com Josué de Castro. Pontífica Universidad Católica de Chile / Instituto de Geografía. **Revista de Geografía Norte Grande**. v. 38, p. 5-20.

ALVES, J.J.A. 2007. **Josué & a Fome**. João Pessoa: Edição Sal da Terra., Paraíba. 74p.

AMADO, J. 2007. **Escritor** (pronunciamento por ocasião das comemorações dos 50 anos de Josué de Castro). Disponível em <<http://www.josuedecastro.org.br>> Acessado em 24 mar. 2007.

ANDRADE, M.C. de. 2007. **Geógrafo** (parte do artigo denominado: Josué de Castro e uma geografia combatente, escrito em 1981). Disponível em <http://www.josuedecastro.org.br>> Acessado em 24 mar. 2007.

BATISTA, M. 2007. **Médico** (membro do Conselho Nacional de Segurança Alimentar, sobre os 50 anos da Geografia da Fome, 1996). Disponível em <<http://www.josuedecastro.org.br>> Acessado em 24 mar. 2007.

BOYD ORR, L.J. 2007. **Ex-Reitor da Universidade de Glasgow e ex-Diretor Geral da FAO** (Prêmio Nobel da Paz). Disponível em <<http://www.josuedecastro.org.br>> Acessado em 24 mar. 2007.

BUCK, P.S. 2007. **Escritora, Prêmio Nobel de Literatura** (comentário sobre o livro Geopolítica da Fome). Disponível em <<http://www.josuedecastro.org.br>> Acessado em 24 mar. 2007.

CASCUDO, C. 2007. **Escritor** (Comentário a propósito da Geografia da Fome). Disponível em <<http://www.josuedecastro.org.br>> Acessado em 24 mar. 2007.

CASTRO, J. de. 2003. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil.

CELSO, A. 2007. **Ex-Reitor da UERJ** (parte do discurso proferido por ocasião da sessão solene realizada em homenagem aos 50 anos da Geografia da Fome, 1996). Disponível em <<http://www.josuedecastro.org.br>> Acessado em 24 mar. 2007.

CUNHA, A.G. da. 1997. **Dicionário Etimológico**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

FERNANDES, B.M.; GONÇALVES, C.W. 2000. **Josué de Castro: Vida e Obra**. São Paulo: Editora Expressão Popular.

FERREIRA, A.B. de H. 2000. **Mini Aurélio século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

FURTADO, C. 2002. **Em busca de novo modelo. Reflexões sobre a crise contemporânea**. São Paulo: Editora Paz e Terra.

HOLLOWAY, M. 2007. **Crítico literário e Jornalista** (Londres, Inglaterra). Disponível em <<http://www.josuedecastro.org.br>> Acessado em 24 mar. 2007.

LIMA SOBRINHO, B. 1983. **Ex-Presidente da ABI** (parte do discurso proferido na sede da ABI, com o propósito de assinalar os 10 anos da morte de Josué de Castro, 1983). Disponível em <<http://www.josuedecastro.org.br>> Acessado em 24 mar. 2007.

PIRES, W. 1996. **Ex-governador da Bahia** (parte do discurso proferido no Plenário da Câmara de Vereadores de Salvador, por ocasião de sessão comemorativa dos 50 anos do Livro Geografia da Fome, 1996). Disponível em <<http://www.josuedecastro.org.br>> Acessado em 24 mar. 2007.

QUEIROZ, R. de. 2007. **Escritora** (comentário da Acadêmica sobre o Livro Geografia da Fome). Disponível em <<http://www.josuedecastro.org.br>> Acessado em 24 mar. 2007.

RIBEIRO, D. 1983. **Ex-Vice-Governador do Estado do Rio de Janeiro** (parte do discurso proferido na sede da ABI, com o propósito de assinalar os 10 anos da morte de Josué de Castro, 1983). Disponível em <<http://www.josuedecastro.org.br>> Acessado em 24 mar. 2007.

RIBEIRO, D. 2005. Josué de Castro: Cidadão do Mundo. **Revista Construir Notícias**, n. 20, p. 26-28.

SANTOS, M. 1996. **Geógrafo** (parte do discurso proferido no auditório da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, em sessão comemorativa dos 50 anos da Geografia da Fome, 1996). Disponível em <<http://www.josuedecastro.org.br>> Acessado em 24 mar. 2007.

SORRE, M. 2007. **Professor da Sorbonne** (comentário a propósito da Geopolítica da Fome). Disponível em <<http://www.josuedecastro.org.br>> Acessado em 24 mar. 2007.

SILVEIRA, F.G. *et al.* 2002. **Insuficiência alimentar nas grandes regiões urbanas brasileiras**. (Texto para Discussão n. 884).Brasília: IPEA.

SOUZA, H. 2005. Josué de Castro: Cidadão do Mundo. **Revista Construir Notícias**, n. 20, p. 26-28.

STÉDILLE, J.P. 2007. **Coordenador do MST** (trecho da apresentação para o Caderno de Estudos denominado Josué de Castro - O Semeador de Idéias). Disponível em <http://www.josuedecastro.org.br>. Acessado em 24 mar. 2007.